



CRIATIVIDADE: MEDIAÇÃO ENTRE A REALIZAÇÃO DO INDIVÍDUO E O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE

Lúcia Aparecida Valadares Sartório*

Resumo – Este artigo tem como objetivo trazer reflexão em torno dos aspectos que envolvem a criatividade, a partir de uma perspectiva histórica, para obter um distanciamento da imediatidade e, conseqüentemente, uma compreensão mais ampla dos diferentes fatores que possibilitam sua manifestação, por estar diretamente vinculada à prática social e considerá-la essencial ao desenvolvimento humano.

Palavras-chave: criatividade, sensibilidade, atividade, indivíduo, sociedade.

INTRODUÇÃO

A criatividade pode ser considerada como a qualidade de criar, inventar e, portanto, imaginar algo inusitado, diferente do que já foi pensado, produzido ou executado. E, nesse sentido, a criatividade se remete necessariamente à atividade, ao trabalho em sua forma mais genuína: à exteriorização de potencialidades humanas nas diferentes dimensões da atividade para atender às necessidades materiais ou espirituais e, por isso, se manifesta na produção de um objeto, de uma obra de arte, de um texto literário, produções que exigem quase sempre conhecimento, investigação, domínio sobre os meios.

A criatividade, todavia, não nasce do interior da mente ou do cérebro simplesmente, senão do envolvimento do indivíduo com as questões dilacerantes do seu tempo, da sua capacidade de compreender os rumos dos acontecimentos e, especialmente, da capacidade de se comunicar e estabelecer interlocução com pensadores de diferentes áreas do conhecimento – do passado e do presente – e também com a sociedade. Nesse sentido, as expressões criativas não são inteiramente espontâneas, elas resultam preliminarmente da boa formação dos indivíduos, dependem das condições de trabalho e de existência e estão relacionadas às diferentes esferas da vida, como a arte, a ciência e o trabalho. Tais definições são bastante

* Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

esclarecedoras e indicam os caminhos a serem percorridos com o objetivo de se desenvolver a criatividade e torná-la cada vez mais eficaz ao desenvolvimento humano. Assim, cabe perguntar: quais são os fatores constituintes da criatividade e os meios necessários para torná-la instrumento da vida, e não reduzi-la a simples instrumento produtivo ou mercadológico?

Essas questões são valiosas à realização humana e merecem um olhar mais atento sobre os pormenores que a constituem, razão pela qual foram organizadas nos subitens dispostos a seguir: "A formação do indivíduo e o desenvolvimento da sociedade"; "Criatividade e o lugar da arte no mundo contemporâneo"; "Características elementares da obra de arte"; "A ciência e a expansão da criatividade na história"; "A criatividade como expressão da atividade sensível e as relações de trabalho".

A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO E O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE

A criatividade é a qualidade humana que tece alternativas, que encontra a saída esperada – novidade salvadora de alguma individualidade sagaz, dedicada, ágil, inteligente –, e, por isso, sua manifestação se constitui como essencial aos indivíduos, especialmente em períodos de crise tão profunda como esta que atravessamos. Todavia, a exteriorização da criatividade está, antes de tudo, relacionada ao aprimoramento da capacidade de sentir e pensar a vida, pois advém da visão ampla, da percepção que atina para onde os fatos indicam – questão que se remete à compreensão do dinamismo da realidade, às tendências políticas e diretrizes que estão sendo adotadas por chefes de Estado. A criatividade implica identificar problemas, brechas, necessidades, tendências, alternativas, até mesmo para pensar tipos de investimento, perceber a hora da mudança, as condições econômicas e sociais, sem perder o princípio de que o ser humano é o centro, é o que deve balizar projetos e investimentos e não o capital.

A criatividade vem da percepção das necessidades, qualidade imprescindível que capta os anseios e os dizeres: é a sensibilidade que possibilita identificar na vida cotidiana a expressão que falta, a criação necessária, algo que transforme o objeto singular em universalidade, que se remete aos interesses de todos e desperta identidade. Assim, a criatividade está intimamente articulada com a sensibilidade e precisa ser educada e desenvolvida; todavia, não se constitui meramente como atributo genuíno do indivíduo, pelo contrário, é antes desenvolvida na convivência com outros homens. É por meio das relações sociais que os homens adquirem humanidade, apropriam-se das conquistas históricas, aprendem a ouvir, falar, sentir, como já fora esclarecido pelo filósofo alemão, "o olho tornou-se olho humano, no momento em que o seu objeto se transformou em objeto humano, social, criado pelo homem para o homem" (MARX, 1989, p. 187), no seu dizer:

Todas as suas relações humanas ao mundo – visão, audição, olfato, gosto, percepção, pensamento, observação, sensação, vontade, atividade, amor – em suma, todos os órgãos da sua individualidade como também os órgãos que são diretamente comunais na forma são no seu comportamento objetivo ou no seu comportamento perante o objeto a apropriação do sobredito objeto, a apropriação da realidade humana.

Isso significa que os sentidos são desenvolvidos e educados na relação com a sociedade, e, portanto, é na relação com outros homens que se desenvolve a capacidade de sentir e pensar o mundo. Na mesma perspectiva de Aristóteles, Marx aponta a especificidade de cada órgão do sentido, chamando a atenção para o fato de que o objeto para o ouvido é diferente do objeto para o olho, pois cada órgão do sentido possui uma qualidade específica e precisa ser aprimorada e desenvolvida, para estimular, por exemplo, o olhar que admira uma obra de arte, o ouvido sensível que escuta a nota musical de um instrumento. O homem é um ser total e, portanto, se manifesta de modo total e não parcial, o que significa, noutras palavras, que a relação com o mundo não se dá unilateralmente pela razão ou pelos sentidos – dualidade marcadamente presente na história da filosofia –, mas pela totalidade humana: pelos órgãos dos sentidos, pelos sentimentos, pela razão, pela linguagem, qualidades imprescindíveis que se desenvolvem mediante as relações sociais.

A criatividade deriva dessa capacidade de os homens se relacionarem entre si, de se apropriarem do conhecimento socialmente produzido, e, por isso, é importantíssimo garantir ao indivíduo a apropriação do patrimônio cultural e científico da humanidade. A aprendizagem que se dá pela apropriação das diferentes áreas das ciências propicia a compreensão da totalidade e extrapola a formação específica para o trabalho, porque se remete à formação do indivíduo como ser total, direcionada ao desenvolvimento de potencialidades humanas e do *alargamento da subjetividade* (CHASIN, 2003, p. 21). A educação que prima pela formação dos sentidos, da subjetividade e do intelecto se constitui num processo fundamental à constituição dos indivíduos, pois por meio dela torna-se possível a superação do senso comum, da superficialidade, da percepção rasteira da realidade.

Se a criatividade consiste numa qualidade imprescindível e está relacionada diametralmente à formação do indivíduo como ser total, torna-se concomitantemente urgente interferir na realidade e reconquistar espaços de formação cultural, científica e humanística, repondo o estudo da literatura, das línguas, da arte, da música e das diferentes áreas da ciência na vivência do cotidiano.

Por meio da educação pode-se concretizar essa meta, pois ela traz em si as condições de reflexão da própria existência, momento único em que se dá a apropriação do conhecimento produzido socialmente e percepção da relação incondicional entre o indivíduo e a sociedade. A apropriação do conhecimento socialmente produzido humaniza o indivíduo na medida em que permite o aprimoramento das abstrações e dos sentidos. Desse modo, a educação pode

ser considerada como "o processo através do qual o homem se torna plenamente humano" (SAVIANI, 2003, p. 75), uma circunstância pela qual o indivíduo desencadeia a reflexão de mundo se reconhecendo como parte integrante da sociedade, posição que se contrapõe necessariamente a diferentes concepções contemporâneas que recusam sistematicamente a relação objetividade-subjetividade em seu contexto histórico e a apropriação do saber social.

A educação que tem por finalidade o desenvolvimento do indivíduo e, por conseguinte, da humanidade deve estar direcionada ao desvendamento da realidade, à compreensão das formas de opressão presentes nas relações sociais. Somente por meio do entendimento desses mecanismos torna-se possível a educação plena, o meio fértil para o desenvolvimento da criatividade.

A criatividade é, sobretudo, uma qualidade humana e está enraizada na história dos homens, em seu processo de constituição desde o desenvolvimento das primeiras técnicas rudimentares e, como as demais dimensões humanas, vem sendo aprimorada e desenvolvida na arte, na ciência, na produção de produtos e de bens de produção. Assim, para esclarecer um pouco mais essa questão, na próxima seção serão tecidos comentários sobre a importância da arte como grande canal de exteriorização da subjetividade e, conseqüentemente, da criatividade.

CRIATIVIDADE E O LUGAR DA ARTE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

A arte está intimamente vinculada à capacidade criativa dos indivíduos, é o meio pelo qual reorganizam o mundo no pensamento, expressam suas emoções e transmitem ideias. Desse modo, no campo da arte, a criatividade consiste em estabelecer a justa relação entre conteúdo e forma, pensar o modo pelo qual um determinado assunto será dito, quais recursos de linguagem serão utilizados, e, nesse caso, é primordial o conhecimento das tendências artísticas, conhecimento das escolas e de seus fundamentos. É de extrema relevância pensar sobre o *que* e *como* será dito, sob qual forma será veiculado o conteúdo, a mensagem, o objeto. Esses princípios permitem ao produtor de arte identificar, no campo da produção, brechas na sociedade, perceber aquilo de que as pessoas precisam ou simplesmente tratar de algo que ainda não foi produzido. Todavia, tanto a obra de arte como os diferentes estilos artísticos precisam ser conhecidos para serem apropriados, reelaborados, e, assim, para que se possam obter as bases para a elaboração de outras produções artísticas e literárias. Pela amplitude do assunto, neste texto serão privilegiadas reflexões em torno do cinema e do teatro.

Para refletir sobre a dimensão da criatividade nessa esfera da arte, é preciso considerar, preliminarmente, que tanto o teatro como o cinema vêm perdendo sua característica principal ao se renderem à sedução da indústria cultural centrada no comércio e simples entretenimento, ou válvula de escape das tensões cotidianas dos indivíduos, circunscritas a transparcer a vida fluida e, por isso, uma produção muito pouco comprometida com a exposição de temas que expõem os dilemas humanos. Há uma forte tendência na atualidade em abordar

questões por meio de histórias simplesmente descritivas, algumas vezes desconexas e sem sentido, entretanto sem escapar de conteúdos ideológicos, de interpretações da realidade e defesas de alternativas possíveis para a atual conjuntura socioeconômica mundial, pois, embora apresentem um formato descomprometido, as histórias explicitam perspectivas que reiteram comportamentos que estão muito bem ajustados à nossa sociedade.

A sociedade, por sua vez, apresenta-se extremamente complexa, embora marcada por traços comuns em dimensão planetária, possui particularidades bem distintas nas diferentes regiões do planeta, o que confirma a sua orgânica amparada pelo desenvolvimento desigual e combinado. Nessa sociedade em que as forças sociais são expropriadas numa esfera gigantesca, os diversos graus de estranhamentos impedem os homens de reconhecer o seu modo de existência, e, nesse contexto, a arte tem o seu vigor enfraquecido, quase não consegue expressar a vida em sua integridade ou a expressa de modo deformado.

Outro fator que requer reflexão são os apontamentos do filósofo Georg Lukács (1968, p. 220) sobre o modo como o artista manifesta a sua arte na atualidade, pois, diferentemente dos períodos artisticamente mais afortunados, despreza-se a pesquisa artística para dar vazão ao excessivo subjetivismo no processo criador, postura que traduz " vaidade de inventor, hostilidade à 'concorrência', incapacidade de suportar a crítica, para não falarmos das intrigas e das maledicências". De acordo com Lukács (1968, p. 221):

O desenvolvimento capitalista, que tudo nivela, trabalhou bem, inclusive no campo da crítica. Os fatos essenciais são por todos conhecidos: antes de tudo, a subordinação de quase toda imprensa ao poder dos grandes consórcios capitalistas, para mais uma parte do aparelho de propaganda a seu serviço. Apenas poucas revistas, na maioria das vezes, de reduzida tiragem e de escassos recursos, podem resistir e defender a liberdade de expressão e crítica. E mesmo sua real independência se torna cada vez mais problemática. Desde que o capital descobriu paulatinamente que também a arte de oposição pode constituir um lucrativo objeto de especulação, estes movimentos encontraram igualmente seus "mecenas" e sofreram toda a ambiguidade material e moral decorrente de um apoio por parte do capital.

Nessa circunstância, poucos são os escritores, artistas e diretores que resistem, embora o teatro e o cinema estejam subordinados às leis de mercado, alguns segmentos artísticos retratam o modo de ser dos homens contemporâneos, seus dilemas e aflições, bem como tratam da sensibilidade, da capacidade de amar e da busca pela realização humana. Há escritores, artistas e diretores que buscam provocar no indivíduo que assiste à obra de arte a emoção e a reflexão sobre a própria vida, para cultivar nele a capacidade de sentir, despertar o sentimento e a consciência de que faz parte da sociedade. Ousam chamar a atenção para os dilemas humanos que enrijecem e degradam a vida, e o fazem tentando despertar no espectador o olhar sobre todas as esferas da sociabilidade.

Ainda que alguns revelem certo ceticismo diante da realidade, possuem o mérito de trazer ao público a atual configuração da sociedade contemporânea, o esmagamento que os indivíduos sofrem com a barbárie cotidiana provocada pelos grandes grupos econômicos que se enredam no Estado em qualquer parte do planeta e nas agências internacionais. Muitos deles, ao recorrerem à arte dramática, têm proporcionado não apenas um momento de entretenimento, mas também o revigoramento da emoção e da autoconsciência da própria vida. Nesse caso, o poder da criação consiste exatamente em trazer para o público um tema que, de algum modo, desperte sensibilidade, sentimento e sensibilidade, e a criatividade, nesse caso, consistirá no tipo de abordagem dado ao conteúdo transmitido, habilidade que pode ser identificada em alguns filmes produzidos na última década.

O filme *Em busca da felicidade*¹, por exemplo, é um drama que expõe um problema singular do personagem Chris Gardner. A criatividade do escritor consistiu exatamente em captar uma dimensão da realidade e retratar as reais condições de existência, o modo de ser dos indivíduos neste atual contexto do sistema capitalista, permeado pela globalização evidenciada pelo alto índice de desemprego e por bolsões de miséria. Nesse contexto, o indivíduo não possui trabalho fixo e procura constantemente uma alternativa para escapar das dificuldades em que se encontra, está sempre correndo, chega sempre atrasado, depara com problemas e insucessos, a vida é repleta de desespero e, por isso, sonha com um momento de tranquilidade.

Numa outra perspectiva, o filme *Hotel Ruanda*² traz o retrato do massacre em Ruanda, em decorrência da guerra civil desencadeada em 1994, na qual grupos de etnia Hutu exterminaram mais de um milhão de Tutsi, sem ocorrer nenhuma interferência de alguma autoridade ocidental ou da Organização das Nações Unidas (ONU). Essa história traz a denúncia de que a origem da rivalidade foi dada pelos ex-colonizadores holandeses e, especialmente, a postura ética e humana de um indivíduo que optou por reagir àquela situação. Assim, o que o filme *Hotel Ruanda* traz para o debate é o posicionamento decisivo de cada indivíduo ante os dilemas da vida e uma profunda reflexão sobre as condições de existência da própria humanidade, concomitantemente desperta as seguintes questões: Como humanizar-se quando a vida é cotidianamente destruída e aniquilada? Como superar os impedimentos que inviabilizam cada vez mais acentuadamente a realização plena dos indivíduos?

Esse problema também está posto sob outro viés no filme *O jardineiro fiel*³, baseado na obra do escritor John Le Carré, que relata a tragédia vivida por um diplomata inglês após

1 - O filme *Em busca da felicidade* foi produzido nos Estados Unidos, em 2006, sob a direção de Gabriele Muccino e estrelado por Will Smith, Jaden Smith, Thandie Newton e Brian Howe.

2 - *Hotel Ruanda*, coprodução que envolveu Canadá, Reino Unido, Itália e África do Sul, dirigido por Terry George, em 2004, contou com a atuação de Dom Monaghan, Sofie Okonedo, Nick Nolte e David O'Hara.

3 - *O jardineiro fiel*, uma produção norte-americana de 2005, foi dirigido por Fernando Meirelles e estrelado por Ralph Fiennes, Rachel Weisz, Daniele Harford e Danny Huston.

o assassinato de sua esposa, uma jovem ativista pelos direitos humanos, ao tentar denunciar a atuação das indústrias farmacêuticas na África, onde pessoas são transformadas em cobaias humanas. O drama *O jardineiro fiel* também aborda outra questão delicada para a humanidade: a relação entre indivíduo e sociedade, num momento que a relação entre o público e o privado passa por um processo avassalador. A realidade traduz-se no domínio de alguns grupos econômicos sobre toda a sociedade mediante a concentração da renda e da propriedade privada até mesmo das questões mais vitais da vida. É nessa direção que o filme *O jardineiro fiel* evidencia um problema humano e societário: a mercantilização da vida.

Os longas-metragens citados se constituem em obra de arte do mais requintado padrão pelo modo como relacionam forma e conteúdo, pois escapam da plasticidade descritiva e impessoal da história de um personagem, para propiciar ao leitor – ou espectador – distanciamento e compreensão das diversas circunstâncias a ele relacionadas, evidenciando, assim, as contradições, propiciando envolvimento com a história. Esses filmes têm em comum o estilo dramático, a possibilidade que oferecem ao espectador de enxergar as várias esferas da orgânica social, propiciando o distanciamento do problema em foco, e, particularmente, oferecem uma reflexão sobre o futuro, para onde a humanidade caminha e que mundo está sendo forjado.

O drama traz o indivíduo para a consciência de si mesmo porque o remete a enxergar o patamar em que se dá a inserção da sua vida, explicita o modo como se dá a relação entre indivíduo e sociedade no mundo contemporâneo, as lutas que são travadas para conquistar a liberdade e a realização humana. Pela importância da arte na vida dos homens e pela grande vazão de criatividade que ela proporciona, vale trazer outros aspectos que a constituem no item a seguir.

CARACTERÍSTICAS ELEMENTARES DA OBRA DE ARTE

A obra de arte desperta paixões, desejo de realização, de encontro, de superação de tudo que degrada e oprime o ser humano. Georg Lukács (1968) já havia chamado a atenção para os aspectos intrínsecos da obra de arte ao dizer que ela é fundamental para a constituição do processo de consciência e autoconsciência dos indivíduos, concomitantemente à formação da personalidade. A análise de Lukács (1968) reitera o que Aristóteles (1998) fundamentara na *Poética* sobre o papel que o teatro exerce na formação dos indivíduos.

Aristóteles (1998) foi o primeiro a dizer que a arte possui duas categorias intrínsecas: a mimese e a catarse. O pensador grego se refere à mimese não como uma simples imitação da vida, mas como uma reconfiguração das ações humanas para propiciar aos indivíduos o distanciamento e reconhecimento das condições em que se encontram, e a catarse como processo de depuração das emoções, resultado do momento de suspensão que o indivíduo adquire ao se envolver com uma história que não é sua, mas que o leva a se transportar, a

sentir o problema que diz respeito a alguém desconhecido, enfim, a se colocar no lugar do outro. Aristóteles ressalta uma qualidade humana relevante e oferece um parâmetro bem distinto da concepção formativa predominante na atualidade, ao ressaltar que os homens se formam por imitação, pelo conjunto de informações e vivências advindas das relações sociais, tratadas em diferentes estilos literários.

Os diferentes gêneros poéticos formavam e exerciam fascínio sobre os indivíduos porque traziam à baila as ações das personagens: "e estes não podem ser senão bons ou maus (pois os caracteres dispõem-se quase só nestas duas categorias, diferindo apenas pela prática do vício ou da virtude), daí resulta que as personagens são representadas ou melhores ou piores ou iguais a todos nós" (ARISTÓTELES, 1998, p. 242).

Para Aristóteles (1998), os diferentes gêneros poéticos e, de modo particular, a tragédia exercem sobre a vida dos homens um papel determinante, pois é o meio pelo qual os homens podem se espelhar e depurar a sua interioridade e aprimorar o próprio caráter, a sua existência. Aristóteles (1998, p. 248) esclarece que

[...] a tragédia é a imitação de uma ação importante e completa, de certa extensão; num estilo tornado agradável pelo emprego separado de cada uma das formas, segundo as partes; ação apresentada, não com a ajuda da narrativa, mas por atores, e que, suscitando a compaixão e o terror, tem por efeito obter a purgação dessas emoções. Entendo por "um estilo tornado agradável" o que reúne ritmo harmonia e canto.

Aristóteles desenvolve a noção de mimese (imitação),

[...] segundo a qual a obra de arte tem um sentido mimético, isto é, imita o real, e a noção de catarse, ou seja, efeito purificador produzido naqueles que assistem às tragédias e que são afetados pelos acontecimentos no palco como se estivessem vivendo e dessa forma são levados a uma vivência e amadurecimento (MARCONDES, 2000, p. 77).

A tragédia imita a ação porque imita a vida, as atitudes dos homens em meio às relações sociais, as buscas pela realização humana; ou seja, a tragédia explicita uma totalidade que espelha as atitudes individuais, a interioridade e o caráter dos indivíduos. Se a tragédia imita a vida, ela imita as ações humanas, imita o modo de pensar e agir dos homens numa dada situação histórica, reflete as consequências das atitudes como resultado das escolhas individuais ou coletivas, num momento em que os homens tecem os seus destinos na busca da sua felicidade. De acordo com Aristóteles (1998, p. 248):

A parte mais importante é a da organização dos fatos, pois a tragédia é a imitação, não de homens, mas de ações, da vida, da felicidade e da infelicidade (pois a infelicidade resulta

também da atividade), sendo o fim que pretende alcançar o resultado de uma certa maneira de agir, e não de uma maneira de ser. Os caracteres permitem qualificar o homem, mas é de sua ação que depende sua felicidade ou infelicidade.

Desse modo, a tragédia põe em evidência a vida dos homens, o modo como agem e sentem, e as possibilidades de realização e, portanto, de felicidade. A poesia dramática, ao conter as possibilidades de imitar a vida e provocar a *catarse*, ela também pode favorecer o desencadeamento do processo de autoconsciência e consciência. Mas a poesia dramática também se mostra como o cordão umbilical que permite a conexão entre o indivíduo e a sociedade, na medida em que o homem pode se reconhecer nos problemas apresentados.

Os gregos, apesar das contradições produzidas pela existência das classes sociais, da presença do trabalho escravo na Antiguidade, deram início ao processo de individuação e autoconsciência de si, princípio claramente intrínseco na concepção de educação que se constituiu entre eles. Para os gregos na Antiguidade, a educação possuía um sentido muito mais profundo, porque remetia à formação do caráter. Nesse sentido, a educação possuía um sentido literal: aprender a ser homem, conviver, guiar a vida para o bem, estabelecer vínculo e compromisso com a comunidade, formar-se por meio da poesia, do teatro, da cultura.

As tragédias propiciam a compreensão da sociabilidade e oferecem referência histórica sobre a capacidade de os indivíduos descolarem da vida em sua forma cotidiana para se remeterem às esferas mediatas e universais e expandirem a sua individualidade. Noutras palavras, a tragédia permite a reflexão sobre uma questão preciosa para os homens: como conduzir o próprio destino, como construir a própria felicidade, como agir no mundo diante das contradições produzidas pela própria sociedade? A análise de Aristóteles evidencia a ação individual e as consequências dessa ação, aponta a responsabilidade do indivíduo sobre as alternativas escolhidas, o indivíduo como condutor de sua felicidade. Todavia, as ações não são independentes, elas ocorrem na interação, na relação com outros indivíduos, fator que determina a construção da felicidade. Em última instância, a concretização da felicidade também está vinculada às relações sociais, as possibilidades de ação, de concreção dos ideais que se potencializam ou se confrontam na relação com outros indivíduos.

A *tragédia* na Antiguidade também traz questões referentes ao direito, mas não realiza uma reflexão específica sobre esse assunto, exatamente porque o precede na medida em que traz um conjunto de questões humanas que levaram ao seu surgimento. Atualmente o direito possui um caráter técnico relacionado a um conjunto de leis e normas; todavia, é preciso atentar para o fato de que ele despontou das relações sociais. O direito foi erigido para normatizar as relações e administrar os conflitos marcados pela contraposição de interesses das classes sociais. A *tragédia* precede o direito não porque o coloca em evidência, mas antes porque trata da vida, do modo de ser dos homens, revela o caráter, a interioridade dos indivíduos mediante suas ações. A reflexão da tragédia e do direito, nesse caso, não se direciona

a conhecer e aplicar as leis, mas compreender os homens e contribuir para a transformação das suas atitudes. O helenista francês Jean-Pierre Vernant (2005) confirma tais observações:

O nascimento da tragédia é inseparável da organização cívica, da elaboração da democracia ateniense. É o período em que, nas cidades gregas, se institui o direito. Em que são fundados os tribunais, compostos de cidadãos encarregados de fazer os julgamentos. O desenvolvimento intelectual avança, com a medicina, a geometria, a filosofia [...].

A tragédia explicita os problemas que cercam os indivíduos, os conflitos presentes entre as individualidades; permite a visualização de uma época e suas contradições e movimento, bem como questões relativas ao poder, à propriedade e ao direito. Cabe, assim, ao artista, escritor ou diretor encontrar a melhor forma para relacionar conteúdo e forma.

Assim como a arte, a ciência se constitui numa esfera da atividade humana extremamente relevante e se manifesta intimamente impulsionada pela criatividade, e atravessa na atualidade mais uma etapa em seu pleno processo de desenvolvimento, de modo bastante articulado com todas as esferas da vida. Pelo seu raio de inserção na sociedade mediante o aprofundamento e alargamento da ciência com a revolução científico-tecnológica, torna-se pertinente aprofundar essa questão a seguir.

A CIÊNCIA E A EXPANSÃO DA CRIATIVIDADE NA HISTÓRIA

Como as demais esferas da atividade humana, a ciência tem sido impulsionada num tempo cada vez mais estreito, movimento que se expressa num processo permanente de invenções, ritmo acelerado de novas descobertas e aprendizagens que confirma a imensa capacidade criativa dos homens. Todavia, como já afirmara Lavoisier, "Na natureza nada se perde e nada se cria, tudo se transforma". Frase que reitera o entendimento de que os homens pensam e produzem na relação com outros homens, até mesmo nas atividades mais isoladas, como ressaltara Marx (1989, p. 195):

Mesmo quando eu sozinho desenvolvo uma atividade científica etc. uma atividade que raramente posso levar a cabo em direta associação com outros, sou social, porque é enquanto homem que realizo tal atividade. Não é só o material da minha atividade – como também a própria linguagem que o pensador emprega – que me foi dado como produto social. A minha própria existência é atividade social. Por conseguinte, o que eu próprio produzo é para a sociedade que o produzo e com a consciência de agir como ser social.

Todas as esferas que cercam o indivíduo foram constituídas por meio das relações sociais, a língua, a consciência, a capacidade de aprender. É preciso não perder de vista que o indivíduo é um ser social mesmo que se encontre em condições isoladas, pois toda a sua existência

está interligada com as diversas esferas da sociabilidade. Seu pensamento, comportamento, enfim, a sua subjetividade é construída na relação com outros indivíduos, de forma direta ou indireta, imediata ou mediata. Todas as atividades realizadas são desenvolvidas a partir do que foi construído e descoberto pelos antepassados. Cada indivíduo existente sintetiza em si todas as conquistas do passado, o simples ato de acender um fósforo explicita essa questão. Os homens reproduzem no pensamento a sua existência real (MARX, 1989, p. 196).

Ludwig Feuerbach (1989) também expressara sua posição a esse respeito argumentando sobre a íntima relação existente entre os indivíduos como fator determinante no seu modo de ser e pensar. Como argumentara Feuerbach (1989) "Eu penso em consonância com o meu tempo, eu sou o que sou porque sou um homem do século XIX e não do século XVIII", para ressaltar a íntima relação entre os indivíduos e como são influenciados pela sua época. Para o filósofo, os homens se comunicam e se potencializam por meio da ciência, de geração em geração, complementam-se reciprocamente.

O fato é que a ciência é parte integrante das relações sociais, constitui-se num meio fundamental para reprodução da vida, tanto material como subjetiva, está diretamente relacionada a todas as formas de produção desencadeadas pelos homens – da consciência aos instrumentos de trabalho – e requer conhecimento para concretizar os seus fins. No campo da ciência, para criar, é preciso incondicionalmente ter conhecimento do espaço em que se pretende atuar e ter a clareza de que

[...] o conhecimento não se produz a partir de um simples reflexo do fenômeno, tal como este aparece para o homem; o conhecimento tem que desvendar, no fenômeno, aquilo que lhe é constitutivo e que é em princípio obscuro; o método para a produção desse conhecimento assume, assim, um caráter fundamental: deve permitir tal desvendamento, deve permitir que se descubra por trás da aparência o fenômeno tal como é realmente, e mais, o que determina, inclusive, que ele apareça da forma como o faz (ANDERY, 1999, p. 413).

O fenômeno deve ser entendido no contexto histórico no qual está inserido, jamais pelo seu recorte ou isolamento. Somente na busca das diversas conexões envolvidas no fenômeno torna-se possível o seu desvendamento, método que tem como ponto de partida as condições de existência para, mediante as diversas conexões presentes no real, desenvolver o mais alto grau de abstração e extrair a compreensão da natureza e da realidade.

É por meio da interação homem-natureza que ocorre o processo permanente de produção da existência humana, processo pelo qual o homem modifica a sua existência, cria e amplia novas necessidades, mudanças perceptíveis em seus costumes, na linguagem e nos costumes, no modo de agir na sociedade. As suas necessidades básicas também são transformadas:

É o processo de produção da existência humana porque o homem não só cria artefatos, instrumentos, como também desenvolve idéias (conhecimentos, valores, crenças) e meca-

nismos para sua elaboração (desenvolvimento do raciocínio, planejamento...). A criação de instrumentos, a formulação de idéias e formas específicas de elaborá-los – características identificadas como eminentemente humanas – são fruto da interação homem-natureza. Por mais sofisticadas que possam parecer, as idéias são produtos de e exprimem as relações que o homem estabelece com a natureza na qual se insere (ANDERY, 1999, p. 10).

Os homens são interdependentes, precisam uns dos outros para sobreviver, quaisquer que sejam as suas necessidades, os homens criam valores, ideias, costumes e, para garantirem sua sobrevivência, produzem os seus meios de existência, processo que exige o conhecimento paulatino da natureza. Dentre as ideias produzidas pelo homem, em particular o

[...] conhecimento humano, em suas diferentes formas (senso comum, científico, teológico, filosófico, estético etc.), exprime condições materiais de um dado momento histórico. [...] A ciência caracteriza-se por ser a tentativa do homem entender e explicar a racionalmente a natureza, buscando formular leis que, em última instância, permitam a atuação humana (ANDERY, 1999, p. 13).

As primeiras reflexões direcionadas a compreender as leis da natureza foram realizadas na Grécia antiga, com os pré-socráticos, cujo dilema consistiu em identificar os elementos primordiais da natureza, suas causas e integração com o cosmo. Os primeiros filósofos dedicaram-se a debater sobre a possibilidade ou não da mudança do ser e argumentar sobre a contradição e a capacidade de se conhecer a realidade. Os filósofos na Antiguidade foram desafiados a reconhecer ou negar a possibilidade de extrair conceitos da natureza para transformá-los em conhecimento que pudesse ser transmitido a todos, empenho de Sócrates ao estimular em seus interlocutores a análise conceitual, sempre postulada pelos questionamentos "O que é?", "Por quê?", na prática que ele denominava de maiêutica, processo pelo qual os indivíduos dariam à luz as próprias ideias. Platão, embora admirador do seu grande mestre, seguiu outro percurso por julgar que existiam dois mundos: o mundo prático sensível, reflexo do mundo dos conceitos, e, por isso, não fazia muito sentido para o filósofo investigar os elementos da natureza ou da sociedade, embora tivesse aguçado a sua prática política. Aristóteles levou às últimas consequências o grande debate filosófico da Antiguidade, procurando dar resposta a todos os questionamentos proferidos, distinguindo os diferentes níveis do conhecimento, organizando os diferentes ramos da natureza, classificando espécies.

Por longo período da história, o interesse pela compreensão da natureza deixou de ser preocupação dos homens, salvo entre os árabes que prosseguiram nesse caminho, ainda que lentamente. O ressurgimento do comércio foi, sem dúvida, um dos fatores motivadores da retomada da ciência, pois, sem a presença de matemáticos, cartógrafos, geógrafos, seria impossível construir embarcações e navegar pelos mares.



Figura 1 Gravura do século XVI, feita pelo geógrafo alemão Sebastian Münster, acerca dos monstros que habitavam o "Mar Tenebroso".

Fonte: História e outras histórias (2011).

Não faltou imaginação fértil às mentes ávidas por um novo tempo notadamente desconhecido, que muito contribuiu para escavar novos caminhos, desbravar outros cantos do mundo, com seus temores e coragens, reconhecidamente expressos nas gravuras de seu tempo.

Havia superstições de todo tipo, como a crença de que no fundo do mar havia ímãs que puxavam os pregos das caravelas, também ameaçadas por monstros marinhos. Mas foi nesse contexto contraditório do Renascimento que a ciência encontrou as condições para alcançar pleno desenvolvimento. Entrelaçada aos interesses de mercadores e das corporações de ofício, estimulados por uma diversidade de inventos que passou a despontar a partir desse período, a ciência foi impulsionada e desenvolvida num processo cada vez mais acelerado.

Francis Bacon (1561-1626), por exemplo, foi um dos filósofos pioneiros a impulsionar a investigação científica, procurando extrair da natureza os seus segredos para transformá-la em benefício dos homens, propiciar-lhes conforto e satisfação. Galileu Galilei (1564-1642), precursor da física moderna, dedicou-se a estudar os movimentos em razão do tempo, descobriu a lei dos corpos e incentivou a investigação da natureza por meio de experiências, e seus estudos influenciaram a ciência moderna e se constituíram como parâmetro para o desencadeamento da revolução científica, cujo desdobramento vital foi a Revolução Industrial.

A Revolução Industrial, impulsionada pelo desenvolvimento técnico-científico, tem se constituído no primor de todo o desenvolvimento humano, expressão contínua de criatividade, exteriorização das potencialidades humanas e domínio cada vez maior sobre as leis da natureza, bem como intervém nas relações sociais. Desse modo, o desenvolvimento técnico-científico remete diretamente ao trabalho e exige reflexão sobre a sua característica genuína como expressão de criatividade, questão tratada a seguir.

A CRIATIVIDADE COMO EXPRESSÃO DA ATIVIDADE SENSÍVEL E AS RELAÇÕES DE TRABALHO

Sem dúvida nenhuma, o trabalho é, em primeiro plano, a expressão singular de criatividade no processo contínuo de invenções desenvolvidas pelos homens e, por isso, requer atenção sobre o seu caráter na vida, a devida compreensão da própria dimensão do trabalho e do homem como ser ativo.

O trabalho é exteriorização da subjetividade, meio pelo qual o homem transforma a natureza, cria objetos, sempre no sentido de adequar o mundo às suas necessidades, dando forma humana à natureza. É por meio da interatividade⁴ que se desenvolve a sociabilidade, que leva o homem a alcançar as formas mais complexas de produção e, conseqüentemente, do próprio desenvolvimento humano, permitindo que os homens alcancem graus de relações eminentemente sociais, distintas do mundo natural; isto é, as relações sociais desenvolvidas pelos homens encontram-se num universo completamente distinto da natureza. É nesse sentido que Marx e Engels (1984, p. 187) afirmam o seguinte:

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião, pelo que se queira. Eles mesmos começam a se distinguir dos animais tão logo começam a *produzir* os seus meios de vida, um passo condicionado pela sua organização corporal [...]. O modo pelo qual os homens produzem os seus meios de vida depende inicialmente da constituição mesma dos meios de vida encontrados aí a ser produzidos. Este modo da produção não deve ser considerado só segundo o aspecto de ser a reprodução da existência física dos indivíduos [...]. Os indivíduos são assim como manifestam a sua vida. O que eles são coincide portanto com o *que* produzem quanto também com o *como* produzem. Portanto, o que os indivíduos são depende das condições materiais da sua produção.

O homem é um ser eminentemente social e desenvolve sua existência por meio do trabalho; ao iniciarem a produção dos seus meios de subsistência, também deram início à construção de si mesmos e do mundo, num processo paulatino e ininterrupto no decorrer da história. O que os homens são é revelado em seu modo de agir e produzir os seus meios de existência. A subjetividade *se constitui e é transformada* mediante as relações sociais sempre mais complexas e ampliadas, porque também tornam-se complexos e ampliados os modos de apropriação e transformação da natureza.

4 - A interatividade se constituiu na atividade sensível transformadora da natureza na relação social com outros homens, no processo contínuo de produção dos meios de existência para satisfação de necessidades materiais e espirituais, processo iniciado no Paleolítico; foi desenvolvido e ampliado no decorrer da história, conquistas e descobertas difundidas e apropriadas em escala sempre crescente.

O trabalho se constitui, assim, numa categoria fundamental no processo do desenvolvimento social e, conseqüentemente, no processo de individuação⁵. O homem não surge como indivíduo plenamente constituído, livre e autônomo, como é concebido hoje, mas por meio de um longo processo de desenvolvimento da consciência e da linguagem, e da própria atividade, realizado no decorrer de séculos. É nesse processo que se constitui a individualidade e ela não se expressa isoladamente, mas na relação com os outros homens, na qual escolhem alternativas e atuam segundo as suas necessidades no complexo de complexos da interatividade humana. O trabalho desenvolvido pelos homens, entretanto, é completamente distinto da atividade desenvolvida pelos animais:

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. [...] Põe em movimento as forças naturais de seu corpo e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana [...] o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade (MARX; ENGELS, 1984, p. 202).

Os homens desenvolvem a pré-ideação antes de executar a atividade, sempre almejando alcançar uma finalidade, qualidade possível por apreenderem o mundo sensível por meio de sua sensibilidade e necessidade, reelaboram o mundo no pensamento para devolvê-lo em forma de linguagem, arte, objetos construídos na relação ininterrupta com a natureza e com os outros homens. Assim, a atividade sensível se manifesta na produção da arte, na produção do conhecimento, na produção dos meios de existência.

O trabalho é a base fundamental do desenvolvimento humano, exteriorização da subjetividade, expansão das condições de realização humana. Mas, sob a formação das classes sociais, o trabalho também passou a se constituir como meio de dominação, problema ainda mais aprofundado no sistema capitalista, circunstância em que ocorre a completa retirada dos meios de existência do trabalhador. Sob o sistema capitalista, o trabalho perde o seu caráter autêntico para ser subtraído, enveredando cada vez mais para diferentes formas de estranhamento. É nesse contexto que devemos refletir sobre as condições para expansão da criatividade.

5 - A individuação diz respeito ao processo de constituição da individualidade no decorrer do processo histórico, que leva à explicação marxiana de que os homens não nascem, tornam-se indivíduos. A individualidade é resultado de uma construção histórica, portanto não há individualidade na natureza, mas bandos, manadas etc. A individualidade pressupõe um ser singular, único, dotado de vontade própria, sujeito que conduz o próprio destino, por isso a individuação está subordinada às condições históricas. O processo de individuação se dá no decorrer da história, o que nos sugere compreender o processo de individuação na Grécia antiga, no mundo medieval, no Renascimento, no capitalismo.

No atual patamar de acumulação, a criatividade é exigida permanentemente, como linha de produção, numa sociedade altamente competitiva, fundamentada em leis de mercado que exigem sacrifício total do ser humano em benefício da empresa; busca-se convencer os indivíduos de que a dedicação ao trabalho deve ocorrer em tempo integral, relegando para segundo plano a vida pessoal e as relações familiares.

O contexto em que nos encontramos é contraditório: nos espaços de trabalho, exige-se dos indivíduos a produção de criatividade constantemente, em condições direcionadas à adaptação às mudanças cotidianas sem permitir tempo livre para o lazer. Cria-se, assim, a cultura de que o indivíduo deve garantir o emprego e não direitos, num contexto em que se busca fragilizar as leis trabalhistas.

É, todavia, exatamente no momento de ócio que as ideias fluem para dar espaço à criatividade, pois o indivíduo precisa de tempo livre para pensar, (des)obstaculizar o pensamento para deixar fluir as ideias. A criatividade não deriva de códigos matemáticos, mas da imaginação, nutrida por conhecimento, afeto, acolhimento, diálogos e alegrias. Feitas essas análises, cabe evidenciar as conclusões preliminares deste estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da reflexão em torno dos diferentes aspectos que possibilitam a criatividade, firma-se a compreensão inicial de que a sua exteriorização em qualquer esfera da atividade humana é potencializada impreterivelmente pelos níveis de conhecimento que se adquire nas relações sociais, especialmente nos espaços reservados especificamente à formação dos indivíduos, como a escola.

Trata-se de uma qualidade humana e, portanto, desenvolvida e aprimorada nos intercâmbios despendidos entre os homens, condição que exige de cada indivíduo formação adequada para acompanhar as transformações do seu tempo e, desse modo, recair novamente na consideração de que a formação humanística, cultural e científica baliza o desenvolvimento do indivíduo em sua totalidade, é o que permite compreender o processo e enxergar arestas e alternativas. A formação integral pode impulsionar a expressão da criatividade, bem como amparar a aquisição do conhecimento científico e tecnológico, não como resposta imediata à resolução de problemas, mas, sobretudo, na identificação de alternativas que possam garantir a realização plena dos indivíduos, objetivo central da existência.

E, nesse caso, ampliar as possibilidades de desenvolvimento da criatividade torna-se uma iniciativa valiosa, adquire proporções que podem remeter os homens ao futuro, à nova vida que está por vir.

Creativity: mediation between the conduct of the individual and the development of the company

Abstract – This article brings a reflection that involves creativity from a historical perspective, to obtain a distance of immediacy and, consequently, a extended comprehension of the different factors that allows a expression to be directly linked to social practice and consider it essential to human development.

Keywords: creativity, sensitivity, activity, individual, partnership.

REFERÊNCIAS

ANDERY, M. A. *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica*. 9. ed. São Paulo: Espaço e Tempo, Educ, 1999.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

CHASIN, I. *Monteverdi: humana melodia*. 2003. Tese (Doutorado em História Social)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FEUERBACH, L. *Preleções sobre a essência da religião*. Campinas: Papyrus, 1989.

HISTÓRIA E OUTRAS HISTÓRIAS. *Blog*. Disponível em: <<http://historiaeoutrahistorias.blogspot.com.br/2011/02/expansao-maritima-e-o-oceano-atlantico.html>>. Acesso em: 13 out. 2011.

LUKÁCS, G. O escritor e o crítico. In: LUKÁCS, G. *Marxismo e teoria da literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MARCONDES, D. *Iniciação à história da filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1989.

MARX, K.; ENGELS, F. A ideologia alemã. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Marx e Engels*. São Paulo: Ática, 1984. (Coleção História).

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica*. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

VERNANT, J.-P. Entrevista ao *Le Monde*. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 10 abr. 2005.